

Álcool líquido 70% tem venda proibida no país

Produto deixará de ser comercializado a partir de maio. Com o fim da excepcionalidade da pandemia, versão mais concentrada será retirada das prateleiras para evitar acidentes como o que matou uma criança neste mês

GRILIA VIDALE
globe-photos.com.br

Após uma decisão da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), o álcool líquido 70% deixará de ser comercializado no território brasileiro a partir do dia 30 de abril. De acordo com a agência, o produto é altamente inflamável e já havia sido proibido 22 anos atrás devido ao grande número de acidentes registrados no país.

A liberação anterior da venda do produto foi realizada durante a pandemia de Covid-19, para aumentar a eficiência na desinfecção de superfícies. Porém, o prazo expirou em dezembro do ano passado. Os estabelecimentos que ainda têm produtos em estoque precisam esgotá-los até a data, onde será iniciada a proibição da venda e compra da versão líquida do álcool 70%.

Terminado esse prazo, estará disponível no mercado apenas ao álcool líquido 46%. Já o álcool em gel 70% está autorizado e continuará nas prateleiras.

Segundo a agência, o produto havia sido proibido em 2002 devido ao grande número de acidentes com queimaduras. O médico Alvaro Pulcinelli, diretor



Verdes. Álcool 70% líquido não será mais vendido, mas forma em gel continua disponível. Especialistas lembram que há outros produtos de limpeza seguros

técnico na toxicologia forense e toxicologista do Grupo Fleury, explica que o álcool 70 na versão líquida é altamente inflamável, o que representa um risco potencial, em especial para crianças. Sua proibição vi-

sa diminuir esse risco.

No início do mês, ganhou o noticiário o caso de uma criança de 2 anos que morreu em Santa Clara d'Oeste (SP) ao ter 90% do corpo queimado. O acidente ocorreu porque o irmão de 5

anos da vítima jogou álcool na churrasqueira, pensando que era água, em uma tentativa de apagar o fogo.

—Acidentes com churrasqueiras, fogareiros e tudo que se usa álcool e fogo são muito mais associados com

álcool em alta concentração. Não é incomum, por exemplo, uma criança jogar esse o álcool em concentração maior no fogo ou expor o líquido ao calor e isso criar uma chama que gera acidentes terríveis. Já o álcool

em menor concentração tem uma inflamabilidade muito menor e garante mais segurança ao usuário —explica Pulcinelli.

PODER DE LIMPEZA

Em relação à capacidade de limpeza, Edson Abdala, coordenador do Serviço de Controle de Infecção Hospitalar do Hospital Nove de Julho, explica que o álcool a 70%, líquido ou gel, é muito eficaz para a eliminação da maior parte dos microrganismos, incluindo vírus e bactérias, independentemente da sua apresentação.

—O álcool gel 70% é tão eficiente quanto o líquido, especialmente para a higienização das mãos. Por outro lado, concentrações menores do álcool não garantem a mesma capacidade do ponto de vista de desinfecção —pontua o especialista.

Já Pulcinelli ressalta que “o álcool sozinho não faz milagre” para a limpeza.

—É necessário também fazer uma limpeza física com a água e sabão em lugares em que isso é possível.

Ulricir Lima, do Conselho Federal de Química, lembra, em entrevista à Agência Brasil, que é possível usar outros produtos aprovados pela Anvisa na limpeza da casa no lugar do álcool.

Duas semanas após receber rim de porco, paciente deixa hospital

Órgão transplantado de forma pioneira funciona bem, sem sinais de rejeição

Do New York Times
2024

O primeiro paciente a receber um transplante de rim de um porco geneticamente modificado teve alta do hospital antontem, apenas duas semanas após a cirurgia inovadora. O transplante e o seu resultado encorajador representam um momento notável na medicina, dizem os cientistas, possivelmente anunciando uma era de transplante de órgãos entre espécies.

Dois transplantes anteriores de órgãos de porcos geneticamente modificados falharam. Ambos os pacientes receberam corações e morreram algumas semanas depois. Em um deles, havia si-

gnais de que o sistema imunológico tinha rejeitado o órgão, um risco constante. Mas o rim transplantado em Richard Slayman, de 62 anos, está produzindo urina, removendo resíduos do sangue, equilibrando os fluidos do corpo e realizando outras funções importantes, segundo seus médicos no Hospital Geral de Massachusetts.

“Este momento — sair do hospital hoje com um dos atestados de saúde mais limpos que já tive em muito tempo — é um momento que eu gostaria que chegasse por muitos anos”, disse ele, em comunicado divulgado pelo hospital. Ele agradeceu aos médicos e enfermeiros, bem como aos simpatizantes que o procura-

ram, incluindo pacientes renais que aguardavam por um órgão. “Hoje marca um novo começo não apenas para mim, mas também para eles”, disse Slayman.

O procedimento aproxima significativamente a perspectiva do xenotransplante, ou transplante de órgãos de animais para humanos, da realidade, afirmou David Klassen, médico-chefe da Rede Unida para Compartilhamento de Órgãos, que administra o sistema de transplante de órgãos do país.

“Embora ainda haja muito trabalho a ser feito, acho que o potencial disso para beneficiar um grande número de pacientes será alcançado, e isso era um ponto de interrogação”, ressaltou Klassen.



Vida renovada. Richard Slayman, de 62 anos, diz que vive um “novo começo”

Ainda não se sabe se o corpo de Slayman irá eventualmente rejeitar o órgão transplantado, observou. Existem outros obstáculos:

uma operação bem-sucedida teria de ser replicada em numerosos pacientes e estudada em ensaios clínicos antes que os xenotransplan-

tes se tornassem amplamente disponíveis.

Se esses transplantes quiserem ser amplados e integrados no sistema de saúde, existem desafios logísticos “assustadores”, disse o médico, a começar por garantir um fornecimento adequado de órgãos de animais geneticamente modificados. O custo, é claro, pode tornar-se um obstáculo substancial.

O tratamento da doença renal já representa um gasto enorme. A fase terminal, o ponto em que os órgãos falham, afeta 1% dos beneficiários do Medicare (programa federal de saúde dos EUA), mas é responsável por 7% dos gastos, de acordo com a National Kidney Foundation.

Slayman optou pelo procedimento experimental porque lhe restavam poucas opções. Ele estava tendo dificuldades com a diálise por causa de problemas nos vasos sanguíneos e enfrentou uma longa espera por um órgão. O rim transplantado veio de um porco geneticamente modificado pela empresa eGenesis.

‘Retinol vegano’ é tendência para tratamento de rugas

Retirado de planta nativa da Índia, bakuchiol tem mesma ação estimulante da elastina e colágeno, sem a irritação comum na pele

VICTORIA VERA ZICCARDI
Do New York Times

A busca de uma solução para rugas, manchas e perda de elasticidade da pele acentuadas com o envelhecimento impulsiona um sem número de tratamentos e produtos estéticos. Uma das tendências mais fortes no momento vem direto da natureza. É a planta bakchi (ou *Bakuchi*), uma erva nativa da Índia que foi uti-

lizada durante séculos na medicina tradicional chinesa e indiana para tratar patologias cutâneas devido às suas propriedades antibacterianas, antifúngicas, antioxidantes e anti-inflamatórias.

A bakchi pertence à família Fabaceae, que vive em ambientes úmidos e atinge alturas de até um metro, com caules ramificados e flores violetas. É possível extrair de suas sementes um óleo terapêutico que funci-

ona como uma loção anti-envelhecimento, apelidada de “retinol vegano”.

Essa substância química liberada das sementes é conhecida como bakuchiol. Foi identificada pela primeira vez em 1966, por pesquisadores do Laboratório Químico Nacional da Índia. Desde então, o óleo passou a ser utilizado em produtos dermatológicos para tratamento de doenças de pele como acne, vitiligo, fotoen-

velhecimento, psoríase e erupções cutâneas.

—Existem diversos estudos científicos que comprovam os efeitos biológicos do bakuchiol, entre os quais se destaca sua capacidade estrogênica, hipoglicêmica e cardioprotetora — afirma Graciela Manzar, chefe da Divisão de Dermatologia do Hospital de Clínicas da Universidade de Buenos Aires.

Esse ativo gera benefícios na pele semelhantes ao muito eficaz e conhecido retinol, cosmético de aplicação tópica cujo uso é recomendado por sua eficácia na redução dos sinais mais comuns de envelhecimento cutâneo. Segundo a dermatologista Wanda Sabrina Stilian, essa alternativa natural pode ser usada como ingrediente de cremes e loções de uso diário.

—Não tem contraindicações, exceto em casos de alergia a algum componente do produto. É importante saber que é preciso ter cuidado ao combiná-lo com outros ácidos, como o glicólico, porque ele pode degradar o princípio ativo do bakuchiol e interferir em suas funções — acrescenta.

A ação do retinol se baseia em acessar as camadas profundas da derme e estimular a produção de elastina e colágeno, duas substâncias essenciais para combater o envelhecimento precoce. O que muitos de seus seguidores não sabem é que em certos tipos de pele o retinol pode ser bastante agressivo, causando irritação e coceira. Essas consequências secundárias não ocorrem com a alternativa vegana.